

Entre o dito e o não dito: a participação feminina paraguaia durante a Guerra do Paraguai

Entre lo dicho y o lo no dicho: participación de mujeres paraguayas durante la Guerra de Paraguay

Paola Micotti

Graduanda em História
Universidade Federal de Uberlândia
paola.micotti@gmail.com

Recebido em: 15/11/2020

Aprovado em: 15/01/2021

Resumo: Pretende-se investigar e analisar a composição iconográfica da obra *Batalha de Campo Grande* (1871), colocando em foco o processo de “Outridade”: a constituição da identidade nacional brasileira, bem como a construção do “outro” paraguaio. Considerando a representação feita pelo reconhecido pintor brasileiro Pedro Américo, construída unicamente com figuras masculinas, tanto nas forças paraguaias quanto brasileiras, inquieta-nos a ausência das mulheres paraguaias na pintura. Em contraposição à ausência no quadro, as mulheres paraguaias eram maioria da população do país antes, durante e depois da guerra. Buscamos compreender de que forma a categoria de gênero se fez presente na construção do “outro” e, assim, da própria constituição de um projeto de identidade brasileira. Desse modo, para nossa análise também utilizamos periódicos brasileiros contemporâneos à guerra (1864-1870), buscando contrapor as narrativas construídas sobre as mulheres paraguaias e sua participação no confronto militar.

Palavras-chave: imprensa; gênero; Paraguai.

Resumen/Abstract:

Se pretende investigar y analizar la composición iconográfica de la obra *Batalha de Campo Grande* (1871), centrándose en el proceso de “Outridade”: la constitución de la identidad nacional brasileña, así como la construcción del “otro” paraguayo. Considerando la representación realizada por el reconocido pintor brasileño Pedro Américo, construida únicamente con figuras masculinas, tanto en fuerzas paraguayas como brasileñas, nos preocupa la ausencia de mujeres paraguayas en la pintura. En contraste con la ausencia en la junta, las mujeres paraguayas eran la mayoría de la población del país antes, durante y después de la guerra. Buscamos comprender cómo la categoría de género estuvo presente en la construcción del “otro” y, por tanto, la constitución misma de un proyecto de identidad brasileña. Así, para nuestro análisis, también utilizamos revistas brasileñas contemporáneas a la guerra (1864-1870), buscando contrarrestar las narrativas construidas sobre las mujeres paraguayas y su participación en el enfrentamiento militar.

Palabras clave: prensa; género; Paraguay.

Introdução

Solano López, Dom Pedro II, Bartolomeu Mitre, Conde d'Eu, Duque de Caxias. Estes são os nomes lembrados quando nos referimos a grande parte da historiografia brasileira sobre a Guerra do Paraguai. As renovações historiográficas sobre o tema, marcadas por aspectos culturais e sociais, são definitivamente de grande importância. Mas, a produção historiográfica durante muito tempo, como nos alertou Margareth Rago (1992, p.81), resistiu à inclusão das mulheres nos acontecimentos históricos e na própria escrita da história. Mesmo com renovações, as mulheres e suas ações durante a guerra não tiveram seus protagonismos reconhecidos. Propomos, então, uma investigação sobre a atuação e representações envolvendo as mulheres paraguaias durante o conflito.

Posto isto, nossa discussão será composta por duas partes. Primeiramente, investigaremos a composição iconográfica da obra *Batalha de Campo Grande* (1871). A pintura foi produzida por Pedro Américo que selecionou a última batalha da guerra, na qual o Império saiu como vitorioso, para ser sua entrada no campo da arte brasileira. Para além da estética, o artista buscou “sintetizar” e apresentar o que acreditava ser essencial para a composição do quadro, bem como da própria narrativa sobre o acontecimento, como argumenta Maraliz Christo (2005, p.59). Desse modo, a pintura nos intriga, pois tanto no exército brasileiro, quanto no exército paraguaio somente há figuras masculinas. Em contraposição ao representado, o exército vencido era composto majoritariamente por mulheres e crianças nos anos finais da guerra.

Adentramos, assim, em nosso segundo momento, no qual buscamos analisar periódicos brasileiros contemporâneos ao conflito (1864-1870). A imprensa, como argumenta o historiador Marcelo Balaban, era um campo de batalha, no qual o objeto de disputa era a nação brasileira (2009, p.133). Dessa maneira, acreditamos que, continuando com fontes brasileiras, podemos compreender a construção do “outro” paraguaio e da própria nacionalidade brasileira. Para a “invenção” de uma Nação, como indicou Benedict Anderson (1993, p.24), é preciso partir de conceitos e invenções abstratas que produzam o que é “nosso” concretamente, se opondo ao que caracteriza outra comunidade imaginada. Em nosso caso, nos debruçaremos sobre construções do “outro” do outro: as mulheres paraguaias. A partir dos periódicos podemos discutir possíveis referências para o campo artístico de Américo, bem como sobre a importância do debate público por meio da imprensa.

O historiador Jorge Coli (2005, p.19) argumenta sobre a maneira como a arte brasileira, de modo similar à ciência, buscava construir a nação e cultura brasileira. Buscava-se, por meio das pinturas, forjar um passado com a finalidade de se produzir uma narrativa sobre a história nacional. É neste sentido que a *Batalha de Campo Grande* (1871) está inserida. Procurando consolidar uma memória oficial sobre o evento recente na história brasileira, Pedro Américo produz a pintura sem a presença dos tidos como indesejáveis: mulheres e crianças paraguaias.

É preciso que interroguemos as imagens e, para essa tarefa, necessitamos nutrir nosso olhar com a cultura dos artistas, das referências e pensamentos de sua própria época, como o historiador Jorge Coli nos orienta (2005, p.17). Uma das motivações para concentrar nossas pesquisas na imprensa brasileira foi buscar os referenciais e os debates ocorridos no Brasil antes e durante a confecção do quadro de Américo, formando uma esfera intelectual e social de interlocuções e trocas que circulavam sobre o tema e que podem ter inspirado o pintor.

Sabe-se que as pinturas de Américo já foram muito revisitadas por historiadores e historiadores da arte, em diferentes contextos na historiografia interessada por suas obras. Contudo, como propomos nesse trabalho, intentaremos questioná-las a partir da lente do gênero e seus conceitos. Dessa maneira, também objetivamos compreender de que modo o gênero era uma categoria de análise, pensando a partir da argumentação de Joan Scott (1995, p.74). Nossa busca foi ao encontro de investigar os modos nos quais as mulheres entendiam e eram entendidas no mundo, bem como suas estratégias, seu cotidiano e suas vivências durante a guerra.

As pinceladas (e silêncios) de Pedro Américo

Importante tema para a arte brasileira do século XIX, a Guerra do Paraguai, também conhecida como Grande Guerra e Guerra da Tríplice Aliança, foi importante parte do processo de construção e consolidação dos Estados nacionais dos países envolvidos no conflito. Dentre as pinturas que nos indicam o conflito, a *Batalha de Campo Grande* (1871), produzida por Pedro Américo de Figueiredo e Mello, nos traz algumas reflexões sobre este evento histórico. A obra tem em seu centro a figura de Conde d'Eu, que puxa seu cavalo branco em movimento de proteção, sendo acobertado por outros membros do Exército. Abaixo do comandante-em-chefe das forças aliadas, um soldado paraguaio, caracterizado pela ausência de uniformes e pela exposição corporal ao ataque. Notam-se também, na margem inferior da tela, outros soldados paraguaios, caídos, quase nus e com

feições que se assemelham a imagens de guaranis. Representados de forma selvagem, os paraguaios são retratados como despreparados para o combate armado, fadados à derrota perante as forças militares que compunham o Exército Brasileiro.

Como nos indica Christo (2009, p.1156), apesar de Conde d’Eu ser a figura central da pintura, ele é retratado como um “manequim”. O comandante-em-chefe, com seu uniforme aberto, necessita de proteção de outros membros do exército. A historiadora aponta para a tentativa de Américo em retratar o movimento caótico que era a guerra, concepção muito presente na imprensa nacional (2005, p.205). Para além da figura do príncipe consorte, a própria escolha da batalha que foi pincelada chama a atenção da historiadora, bem como a nossa. A batalha representada ocorreu em 16 de agosto de 1869, sendo o último grande embate da guerra. O exército paraguaio que participou desta batalha era composto majoritariamente por mulheres e crianças. Todavia, não é possível visualizar estes sujeitos na tela de Américo.

Imagem 1: Pedro Américo de Figueiredo e Mello. *Batalha de Campo Grande* (1871).



Fonte: WikiArt. Disponível em: <https://www.wikiart.org/pt/pedro-americo/batalha-do-campo-grande-1871> Acesso em: 11/11/2020.

Como indicado pela uruguaia María Inés de Torres (2013, p.16), a construção de uma identidade nacional implica na construção de um “Outro”, em nossa análise, a mulher paraguaia. Trata-se de um processo “simbólico-político”, uma construção sociocultural das diferenças, como analisou a pesquisadora (2013, p.17). A cultura letrada, bem como a iconográfica, são importantes fontes para compreender o processo de construção da identidade nacional, e também, analisar como a categoria de gênero se fez presente. Considerando a representação feita por Américo, construída unicamente com figuras masculinas, tanto nas forças paraguaias quanto brasileiras, inquieta-nos a ausência feminina nessa narrativa visual.

A historiadora Lilia Schwarz (2013, p.26), ao analisar as pinturas de Américo, indica que o artista realizava vastas investigações para a produção de suas obras. Buscando informações, dados e características, Pedro Américo produziu a partir da verossimilhança. Como investigou também Christo (2005, p.203), o artista teve em seu campo de referências sobre a guerra, a imprensa brasileira. Em oposição à verossimilhança forçada de Américo envolvendo a ausência feminina no quadro, as mulheres paraguaias participaram ativamente do conflito em variadas funções. Assim, procurando contrapor o quadro com outras fontes, investigamos produções intelectuais da época, entre elas notícias de jornais e folhetins que versaram sobre a presença de mulheres no campo de batalha, bem como nos “bastidores” do conflito. As mulheres paraguaias, diferentemente do que era previsto pelas leis da nação brasileira, foram entusiasmadas pelo próprio governo lopista a atuarem, direta ou indiretamente, durante a guerra. Dessa maneira, tornou-se possível discutir sobre as escolhas e silêncios do pintor, buscando compreender uma história do conflito vista debaixo, preocupada com a presença feminina ausente na obra de Américo.

O protagonismo feminino durante o confronto é normalmente negligenciado tanto pelas análises que (re)afirmam o grande número de baixas da população masculina paraguaia quanto por aquelas que ressaltam a atuação de e nomes de líderes políticos e militares no evento, tais como Dom Pedro II, Conde d’Eu, Solano Lopez, e Bartolomeu Mitre. Muitas das obras apontam a destruição da nação paraguaia no pós-guerra, deixando como rastro uma população restante formada majoritariamente por mulheres. Contudo, mesmo frente a dados como estes, historiadores brasileiros pouco se indagaram sobre a participação desses sujeitos durante o conflito. Somente marginalmente, distante de maiores atenções, as mulheres paraguaias foram indicadas pela historiografia brasileira. O historiador Francisco Doratioto, por exemplo, nos indica a proporção de um paraguaio para oito ou

nove mulheres paraguaias, no período inicial da guerra (2002, p.63). Porém, apesar de nos indicar este dado e dedicar alguma de suas páginas às paraguaias, não faz uma investigação aprofundada sobre a participação dessas mulheres durante o conflito. Destacamos que o historiador é uma de nossas principais referências sobre o tema, pois apresenta inovações historiográficas envolvendo a cultura e aspectos sociais do conflito. Todavia, seu foco não estava na participação feminina.

Dessa maneira, seja na pintura ou parte da historiografia nacional sobre o tema, há uma escolha, consciente ou não, pelo silenciamento em relação às mulheres paraguaias na guerra. Nossa pesquisa buscou nestas mulheres, elevá-las ao papel de sujeitos históricos, sem apreendê-las previamente como heroínas, mas entendendo suas diferenças, suas especificidades e papéis distintos. Ainda que sejam importantes para o esse estudo, pois ainda hoje a memória da guerra possui um “rosto” predominantemente masculino, não procuramos somente pelas mulheres que estavam no front e que pegaram em armas. Em contextos de conflitos, tarefas como lavar roupas, curar doentes, plantar e fornecer alimentos tornam-se ainda mais necessários e difíceis. Assim sendo, esse trabalho empenha-se também em reafirmar o papel de outras mulheres na guerra: as sargentas, as pracinhas, as lavadeiras, as vivanderas, as agricultoras, as mães.

Amazonas, raparigas e o bello sexo americano: notícias sobre as paraguaias

A Guerra do Paraguai, como nos indica Doratioto (2002, p.18), foi de extrema importância para a formação dos países envolvidos no conflito. A construção de uma nação, como investigou Anderson, parte de invenções e formulações imaginadas para a criação de fronteiras socioculturais que delimitem e diferenciem as nações (1993, p.46). Torres (2013, p.16) também argumenta que na constituição de uma nação e sua identidade, há uma necessidade de criação de sujeitos opostos ao “Eu”, o “Outro”. A historiadora nos indica que a "invenção" da identidade nacional envolve um processo político e social, no qual a cultura letrada, como literatura e imprensa, são fatores essenciais para se imaginar a nação (2013, p.14). Nossas reflexões estão neste processo político-simbólico, direcionando-se para as construções e representações envolvendo as mulheres paraguaias.

Como analisou Homi K. Bhabha (1998, p.73), a partir das investigações de Frantz Fanon, a alteridade, produzida no seio do processo colonial, implica em representações que diferenciem os sujeitos por meio do artifício das identidades. O "Outro" deve representar o oposto, uma negação do que compõe a identidade do "Eu", como argumenta Bhabha (1998, p.79). Se, no contexto da guerra,

a nação paraguaia e os homens paraguaios representavam os inimigos, os “opostos” a serem combatidos, qual o entendimento que se tinha das mulheres paraguaias e como estas se posicionam neste processo? Pensando na maior parte da historiografia brasileira, bem como na pintura de Pedro Américo, o que leva ao silenciamento desses sujeitos? Esta vontade de calar é contemporânea ao conflito, parte da construção oficial sobre a guerra, ou ambos? E quando as fontes indicam essas mulheres, o que dizem? Como dizem? Quem produz essas fontes e por quais razões? Essas foram algumas das questões motivadoras de nossa pesquisa.

Dessa maneira, considerando a importância da imprensa, buscamos nos periódicos brasileiros as ações das paraguaias durante a guerra que não são vistas no quadro de Américo. Ressaltamos que não é possível homogeneizar as ações, e nem as próprias mulheres da nação paraguaia. Como nos orienta a historiadora Maria Clementina Pereira Cunha em seus estudos envolvendo gênero (1998, p.4), devemos nos distanciar de perspectivas historiográficas que produzam uma identidade única para as mulheres, e buscar pela pluralidade destes sujeitos históricos. Desta maneira, nos debruçamos sobre estudos que investigaram as diferentes mulheres paraguaias durante o contexto da guerra. Sobre os grupos sociais femininos na nação paraguaia, a historiadora Potthast (2006, p. 94) nos indica como principais as “residentas” e as “destinadas”.

O primeiro grupo, as “residentas”, acompanhavam o exército paraguaio apoiando a guerra e o governo, atuando diretamente nos conflitos armados. Alguns historiadores como Doratioto (2002, p.80), indicam que esta situação havia sido realizada de modo forçado. Acompanhadas por seus filhos, as "residentas" seguiam o exército paraguaio, e de acordo com Potthast (2006, p.93) eram responsáveis por variadas atividades como transporte, plantação, colheita e preparo dos alimentos, costura de roupas, entre outras. Sobre as “destinadas”, a historiadora argumenta que essas mulheres tiveram como destino, acampamentos para os ditos traidores do governo do López (2006, p.96). Os traidores, torturados e condenados nos Tribunais de San Fernand, foram acusados de organizar uma suposta conspiração que objetivava retirar López do poder. As "destinadas" eram esposas, filhas, parentes distantes ou somente conhecidas dos conspiradores que, em sua maioria, pertenciam a elite paraguaia.

Buscando estas mulheres em fontes brasileiras, nos direcionamos a imprensa. Os periódicos brasileiros utilizados em nossa pesquisa estão disponíveis na plataforma Hemeroteca Digital

Brasileira, portal que faz parte da Fundação Biblioteca Nacional. Para nossas buscas, utilizamos de palavras-chave como "mulheres paraguayas" e "bello sexo americano" no recorte temporal de 1864-1870. Seleccionamos e analisamos mais de 150 edições de periódicos produzidos em variadas províncias brasileiras. Neste artigo apresentaremos trechos destes periódicos que indicaram, comentaram e participaram do debate público nacional envolvendo as mulheres paraguaias. Apresentaremos periódicos de variadas origens, indicando como o debate público envolvendo as paraguaias estampou importantes jornais brasileiros de diferentes províncias. Neste artigo, não pretendemos analisar particularmente cada periódico, mas apresentar ao leitor algumas das representações, opiniões e discursos sobre as mulheres paraguaias.

Como argumenta a historiadora María Victoria Baratta (2015, p.3.), a imprensa, especialmente no contexto da guerra, era uma importante armada envolvendo as disputas no debate público dos países envolvidos. Os periódicos, para além de nos apresentar versões sobre as mulheres e suas estratégias durante a guerra, nos permitem compreender o processo de alteridade e, assim, a construção do “Eu” e do “Outro”. Mesmo com tentativas de menosprezar as ações das mulheres paraguaias, a imprensa brasileira nos permite investigar as estratégias utilizadas e atividades realizadas por elas. Uma dessas estratégias utilizadas pelas mulheres durante o combate era transvestir-se de homem. Temos aqui um trecho do periódico *Correio Paulistano*, importante periódico da província de São Paulo, que comenta sobre essa prática:

“Entre os soldados paraguaios mortos acharam três mulheres vestidas de homem, duas das quais eram muito moças. Seria o entusiasmo pátrio, ou seria antes alguma bárbara determinação de Lopez, que levou essas infelizes ao combate em que pereceram?” (CORREIO PAULISTANO, “Correspondência do Jornal do Commercio”, São Paulo, 26 set. 1866, p.3.)[Grifo nosso].

Para além indicar que havia mulheres no campo de batalha, vestidas como homens, o trecho nos possibilita entender a visão do periódico sobre as paraguaias e o governo de López. A dúvida presente no trecho, colocando em xeque se a presença destas mulheres foi um ato voluntário ou alguma determinação feita pelo governo, manifesta desconfiança em relação ao patriotismo das paraguaias, bem como indica uma ação autoritária por parte do governo de López. Potthast (2001, p.83), ao investigar a participação feminina durante a guerra, argumenta sobre o impacto da propaganda governamental que mobilizava as paraguaias a auxiliarem o exército. No início da guerra, a maior parte das mulheres auxiliava nos “bastidores” do confronto, como enfermeiras, cozinheiras

ou no transporte. Todavia, como podemos notar pelo periódico, as paraguaias possivelmente também estavam atuando no front nos anos iniciais do conflito. A historiadora também argumenta sobre a ampliação dos trabalhos femininos seja no campo, seja no front a partir de 1868 (2006, p.94). Trazemos, de uma edição, dois trechos do periódico *O Mercantil*, de Santa Catarina. O primeiro é intitulado “Arrojo Paraguai”:

“Em um dos jornais de Montevideo deparamos com a seguinte notícia que exuberantemente prova o arrojo de que são dotados os fanáticos paraguaios. Nada menos é do que o forçamento do bloqueio feito por nessas divisões de encouraçados, e da maneira seguinte:

Uma canoa paraguaia tripulada por 10 homens atravessou o Rio e passou-se para a Humaitá, debaixo do fogo mais vivo que se lhe podia fazer. A margem oposta espera-a em uma proteção um regimento de mulheres.” (O MERCANTIL, “Arrojo paraguaio”, Santa Catarina, 24 mai. 1868, p.4.)”

O fanatismo paraguaio está, para o periódico, intimamente ligado às condições materiais e humanas do Exército Paraguai. Notemos que se estabelece uma relação entre uma fuga, por meio de uma canoa, ou seja, não sendo a melhor forma de transporte, e o regimento feminino que espera os homens. O arrojo é formado por dez homens, somente, e um regimento de mulheres, e este aspecto é tido, pelo periódico, como um fanatismo do povo paraguaio. Fanatismo da população e, principalmente, do líder paraguaio Solano López. A seguir, outro trecho da mesma edição e página:

“As mulheres paraguaias

Novidade e ao mesmo tempo interesse despertarão as notícias desse teatro da guerra dá o Standard de Buenos-Aires, em seu número do domingo. Segundo o citado colega, a tenente coronel Margarida Ferreira e a capitã Anita Gil tem sob suas imediatas ordens, uma respeitável força de raparigas e mulheres, perfeitamente armada, que esta colocada no passo do Rio Tubiquari paradisputar a passagem às forças aliadas.

A brigadeira general Elyza Lynch com o corpo mais numeroso deste exército feminino, acha-se acampada no caminho que media o passo do Rio e uma pequena ilha no interior.

No caminho da Villa Rica está a ala direita deste exército, comandada pela mãe do capitão Herrero, para que, em caso de necessidade opera de combinação com a coronel Margarida Ferreira que dispõe de um formoso corpo de intrépidas raparigas.

Se isto é certo, com o asseguro o Standard teríamos de ver renovados os tempos da antiga Esparta, e as mulheres de Cochabamba terão encontrado imitadoras. (O MERCANTIL, “As mulheres paraguaias”, Santa Catarina, 24 mai. 1868, p.4)”

Este trecho, assim como o anterior, é carregado de informações importantes, principalmente sobre as “residentas”. Somos apresentados a mulheres em posições de liderança, como tenente coronel, capitã, brigadeira. Potthast destaca que não fora encontrado nenhum exército feminino organizado por Elyza Lynch, esposa de Solano López, tratando-se apenas de rumores. Este trecho nos traz esta questão, seria um rumor de guerra ou Lynch havia formado um exército? Assim como Lynch, temos nomes como a capitã Anita Gil, e a tenente coronel Margarida Ferreira. De acordo com o trecho não são apenas algumas mulheres, mas um corpo, uma grande quantidade delas perfeitamente armadas. Outra relação que podemos estabelecer é a partir das “as mulheres de Cochabamba”. Trata-se de uma referência às mulheres nativas do que se tornou a Bolívia, que lutaram contra os espanhóis pela independência.

A mesma notícia também aparece no *Correio Paulistano*; no periódico paulista, a notícia é acompanhada de mais dois trechos que citam as paraguaias. O primeiro, que é seguido da mesma notícia que lemos do *O Mercantil*, recebe como título “As Amazonas”:

“Em outro lugar transcrevemos da parte do editorial do "Echo do sul", jornal da cidade do Rio Grande, um escrito com aquele título digno de atenção, a ser verdadeiro o fato que menciona do armamento regular em larga escala das mulheres paraguaias para defesa da paz, sobre que de nossa parte nada podemos asseverar afinal de contas.” (*Correio Paulista*, “As Amazonas”, São Paulo, 17 jun. 1868, p.1.)

O periódico não afirma, tampouco nega a existência de mulheres paraguaias armadas, apenas ressalta como esta informação é digna de atenção e que transcrevem, em outra parte desta edição, uma notícia extraída do *Echo do Sul*. O trecho intitulado “As Amazonas”, referenciado no trecho anterior, ocupa o final da primeira página e início da segunda:

“As amazonas
O coronel Margarida Ferreira e capitão Annita Gill, ambas do bello sexo, são oficiais que têm o comando no passo de Tebicuary, onde uma nova força respeitável, de moça e mulheres, está em armas para disputar aos aliados a passagem.
É este teor das últimas noticias que recebemos do Paraguai, e todas as pessoas bem informadas sabem que as noticias são exatas.
O general-brigadeiro Eliza Lynch, com a mor-parte do exército feminil, está acampado entre o Passo e uma pequena cidade.
No caminho de Villa-Rica reuniu-se outra parte destas amazonas, debaixo do comando da mãe do capitão Herrero, para atacar o exercito no caso que este

passasse do arroio, batendo-o o coronel Margarida Ferreira com as heroicas moças, e novas recrutas que estão se apresentando todos os dias ao chefe feminil.

Das cartas e notícias que recebemos, devemos julgar que os homens do exercito paraguaio se acham muito reduzidos, e que aqueles que ficaram estão empregados para defender Humaitá, as posições de Timbó, o acampamento de Villa-Rica e a fortificação de Lambaré.

O que chamamos de guerra de recursos, pois, ficou a cargo das mulheres do Paraguai, e hoje é fora de dúvida que as tropas do norte, perto de Tranqueiro do Loreto, se compõem exclusivamente de mulheres.

Na verdade é triste e melancólico pensar-se que neste nosso século um povo se vê forçado a lançar a mão a este último recurso; que uma raça de entes como nós, se vê exterminada assim; que as mães e filhas são arrancadas do seio da família para, substituindo os homens, assentar praça e encher os vácuos de um exército já gasto e destruído!

É que ninguém supõe que nisto haja exageração.

Em Buenos Aires já não há jornal que não tivesse publicado este horrendo fato de que López está recrutando mulheres. (CORREIO PAULISTANO, “As Amazonas”, São Paulo, 17 jun. 1868, p.1-2.) [Grifo nosso]

O trecho nos permite fazer importantes reflexões. Primeiramente, nos é indicado que a participação de mulheres paraguaias no campo de batalha já é algo que não pode mais ser posto em dúvida. Trata-se de uma informação que circula entre os países envolvidos; o trecho destaca que em Buenos Aires não há um jornal no qual não se repercutisse as notícias sobre as paraguaias, nos apresentando a uma circulação das ideias e dos periódicos entre os países envolvidos no conflito. O trecho continua:

“A diferença que possa haver é que nós estamos no caso de dar a notícia mais detalhada, porque temos informações mais exatas de fonte insuspeita, principalmente de estrangeiros que residem no lugar onde os acontecimentos estão se passando.

Enquanto ao numero exato de mulheres em armas, não podemos dar, a vista de diversos dados entre as opiniões a respeito.

Há muito tempo, há anos, que uma grande porção de trabalho forçado inerentes aquele lido tem sido feito pelas malfadadas filhas daquela terra, noutro tempo tão primoroso.

Até tem sido o braço da frágil mulher o que lavra a terra para fazer os túmulos para os mortos! Tem sido a mulher que caminhou léguas e léguas para levar os despachos do tirano de distancia e distancia! Finalmente os vapores e navios no porto de Assunção têm sido carregados e descarregados pela mão tremula das mulheres daquela capital.

Tudo que de valor ou merecimento possuíam estas pobres criaturas, tem sido arrancado da mão delas para prolongar a resistência.

Há três anos que elas são lavradoras para tira da terra os mantimentos para os combatentes do outro sexo; das fibras de planta tecem vestimentas para aqueles: velaram as noites nos hospitais cuidando dos feridos e doentes; sofreram tudo e

sacrificaram tudo, e agora com o poder satânico se acham puxadas para fazer face ao exército interior dos aliados.

Seja obediência, seja fanatismo ou seja patriotismo, o que atrai para as colinas e vales a parte feminina da população paraguaia, armada com espadas e espingardas para defender aquela terra; seja o que for, não desesperaremos da causa da humanidade, *se fosse possível duvidar por um momento das simpatias do nosso povo em favor destas heroínas do Paraguai.*

Se a nova fase da guerra se presta para a sátira; se o tanas despotismo de López, forçando as malfadas mulheres a sair de suas casas para defender uma causa mais pessoal do que nacional, está chamando contra ele as imprecizações do mundo civilizado; também o heroísmo daquele povo que chora atrai uma admiração que enfeita a causa dele.

Na história encontramos exemplos de amazonas muito valentes, mas devem se respeitar os séculos passados, e não temos exemplos de que um exército interior, seja cristão ou pagão, formado de guerreiras, *tivesse marchado para bater-se com um exército superior de homens!*

Por nossa parte reclamamos dos ministros estrangeiros que mandem para o Paraguai uma comissão no intuito de indagar o estado real das coisas.

Se, como consta, os aliados devem bater-se com estas moças e mulheres, para passar-se de Tebiquary, então toca a honra da Europa por um termo final a esta tremenda guerra; sim, os aliados mesmo, o generoso Brasil, deve reconhecer a impossibilidade de continuar-se nestas condições de hostilidades.

Posto que fosse possível encontrar-se um exército tão mercenário para bater e extirpar estas pobres filhas do Paraguai, e se esse exército fosse bastante infeliz de ganhar o dia, então nem as riquezas todas de Mato Grosso, nem os troféus do Paraguai poderiam recompensar a honra machada por uma vitória tão malfadada.

Ou se fossem continuar as hostilidades nestas circunstâncias; se para cumprir-se o tratado da tríplice-aliança, os aliados devem atacar e vencer filhos do país, então seja a guerra igual: *que mulheres marchem contra mulheres, e os homens contra homens.*

Vivemos num século estranho e de raridades, e quando as mulheres tiverem acabado de lutar entre si, quando os homens já estiverem gastos, então *mandemos as crianças* e o general Tom Ponce e sua mulher sejam os chefes.

(Extraído do Echo do Sul).” (CORREIO PAULISTANO, “As Amazonas”, São Paulo, 17 jun. 1868, p.1-2.) [Grifo nosso]

Outro aspecto que nos chama atenção é a escolha pelo pronome masculino quando referenciam as paraguaias – *O coronel, O tenente, O general-brigadeiro*. Podemos pensar que há uma vontade, por parte do periódico, em ressaltar que estas posições no exército devem ser ocupadas por homens. Este aspecto também é notável quando há uma comparação entre o exército paraguaio, composto por mulheres, e o exército dos aliados, composto por figuras masculinas, ressaltando a superioridade deste último.

O título dado ao trecho também é importante, pois referencia as chamadas amazonas presentes na mitologia grega. Como nos indicou Simone de Beauvoir (1970, p.82), ao retomar os escritos de Heródoto sobre o tema, as amazonas participaram, com a mesma voracidade masculina,

de eventos sangrentos. A filósofa nos relembra que, para atuarem nas batalhas, as amazonas mutilavam seus seios, indicando uma negação da maternidade. Assim, podemos refletir que, para o periódico, as paraguaias poderiam estar buscando um papel de guerreiras semelhante ao dos homens. Contudo, para tal, precisaram renunciar alguns aspectos que faziam parte dos mecanismos de reprodução, enquanto os homens não precisariam. Mais uma vez, há uma especulação sobre a superioridade masculina.

Tratando-se das atividades realizadas por mulheres, o trecho nos indica batalhões paraguaios compostos exclusivamente por figuras femininas, liderados por Elisa Lynch. Para além, também há destaques para os papéis na sociedade paraguaia desde o início da guerra; as paraguaias realizavam, de acordo com o periódico, as atividades agrícolas, bem como atuavam como enfermeiras e costureiras. Mesmo que, por algum momento, o trecho nos indique algum ar de elogio ou admiração às atividades das paraguaias, o mesmo ressalta que não possível esquecer que são mulheres e, principalmente, paraguaias. Elas, na visão do periódico, estavam sendo manipuladas por López, dando continuidade a uma guerra movida pelos interesses pessoais do líder paraguaio em detrimento da defesa da nação. Neste trecho, assim como em outros analisados, o patriotismo e a liberdade das mulheres paraguaias são colocados como duvidosos. Há uma tentativa de desvalidar a moral pública do inimigo.

Victoria Baratta, investigando os debates presentes na imprensa argentina durante a guerra, nos indica a impopularidade na opinião pública envolvendo a união entre Argentina e o Império (2015, p.15). A guerra movida pelo Brasil produziu desconfiança dos outros países, mesmo entre os aliados. Para além de ser uma monarquia em meio a repúblicas, o Brasil era um país movido economicamente e socialmente pela escravidão. A historiadora argumenta que o Império era tido como um inimigo, e a guerra era considerada uma ação hipócrita. Como poderia um país escravista e governado por uma monarquia levar alguma liberdade para outros?

Trazemos um trecho do periódico *Diário de Belem: Folha Política, Noticiosa e Commercial*, da província do Pará, que novamente tentativa de desmoralizar o Paraguai e elogiar as ações do Império:

"Para que se julgue do caráter republicano do Paraguai, envio uma escritura de compra de uma escrava, e a carta de liberdade da mesma, assim como bilhetes pedindo quantias para comprar servientas. Mostre a quem quiser ver estas provas de igualdade e fraternidade, e da liberdade e justiça, legenda das armas paraguaias." (DIARIO DE BELEM: FOLHA POLÍTICA, NOTICIOSA E COMMERCIAL, "Exterior", Pará, 19 fev. 1869, p.2.)

O trecho nos indica a compra de uma escrava paraguaia por brasileiros. A escritura da compra é acompanhada da carta de liberdade para a paraguaia. Temos, no trecho, uma representação da superioridade moral do Império em relação ao Paraguai. A "igualdade e fraternidade", "liberdade e justiça", e o sistema político republicano que formavam a identidade paraguaia são desmoralizados, ao mesmo tempo em que há uma tentativa de distanciar o Império de sua imagem envolvendo a escravidão e a monarquia. Na representação, o Império escravista transforma-se em libertador. Como investigou Garcia (2018, p.123), circulava na imprensa paraguaia, caricaturas e notícias satirizando líderes e membros do exército brasileiro. O Império era associado à escravidão por meio de imagens de macacos, representações racista dos soldados negros brasileiros. Este trecho do *Diário de Belem* nos indica uma tentativa de inverter as opiniões, levando ao país paraguaio, uma representação de escravizador.

Em outra edição do *Correio Paulistano* somos apresentados a uma jovem chamada Maria Padilla que, supostamente, era uma coronela e comandava um grupo militar de mulheres chamado “Amazonas da Independência”. Assim como os nomes de Annita Gill, Margarida Ferreira, não encontramos outras notícias sobre Maria Padilla para além das presentes no *Correio Paulistano*. Também não nos deparamos com outras notícias sobre o grupo “Amazonas pela Independência”, apenas o mesmo trecho repercutido em outros periódicos:

"Maria Padilla
Lê-se na *Tribuna* de Montevideu:

Em Carapehuá existe um regimento de mulheres comandado por uma coronela chamada Maria Padilla, cuja história é tenebrosa e triste, como as impressões que deixou em seu coração. Tem 25 anos, é alta, branca e de uma formosura varonil, mas em seu rosto ha uma sombra que lhe da um aspecto misterioso: é o reflexo de um crime cometido em seus primeiros anos, para exercer uma vingança.

Maria Padilla, tendo 20 anos, amou, com todo o fogo de uma alma virgem, a um individuo que não soube compreende-la e que acreditou fazer uma grande façanha roubando-lhe a honra sob promessa de casamento, abandonado e esquecendo depois a terna Maria nos braços de outra, com a qual contraiu matrimonio.

Ao sentir-se ferida no mais profundo de sua alma, vendo desfeitas as suas ilusões entre o lutuoso porvir de sua desdita e o passado da sua desonra, seus olhos não derramaram uma lagrima: mas um pensamento, como uma centelha de morte, subiu do seu coração a cabeça, e desde esse momento a ideia de matar a seu partido amante acompanhou-a nos tristes instantes de sua misera vida.

Sua felicidade tinha sido um sonho: nada lhe ficava sobre a terra; perdoar não podia: tinha amado muito; e ofuscada pelo ódio pensou em sua fúnebre vingança. Para seu amante, casada há pouco tempo, deslizavam-se as horas nos enlevos ardentes desse imenso amor, que chamam de lua de mel.

No que mesmo pensava esse individuo era na infeliz Maria, que aguardava o momento oportuno de levar a cabo sua vingança.

Era uma noite como qualquer outra: o traidor amante pulsava ao lado de seu terna esposa uma viola, acompanhando-o este com uma canção de amor, quando de repente se apresenta Maria Padilla e lhe dá tantas punhaladas como letras tem a palavra- perjuro.

Ao ver cair o cadáver sangrento do seu antigo amante exclamou aterrada – **Lhe teria perdoado minha vida, mas minha honra jamais!**

A viúva, entretanto, tinha desmaiado de susto; mas sendo vista por Maria, foi por esta assassinada, como o havia sido o seu difundo esposo, talvez para completar sua primeira ideia.

Andou errante algum tempo nos bosques até que foi presa: a prisão não durou muito tempo, pois que foi perdoada e solta.

Desde esse momento desapareceu e só tornou a aparecer na guerra do Paraguai, na qual tem prestado ao exército inimigo grandes serviços de valor e caridade, o que visto por López, que tinha a ideia de utilizar em sua defesa mulheres do Paraguai, a nomeou coronela do regimento n.1 de “Amazonas da Independência”, que está em Carapehuá.

É o caso de dizer-se se non é vero é bem trovato.” (CORREIO PAULISTA, “Maria Padilla”, São Paulo, 27 set. 1868, p.2.)

Ao analisar a cultura letrada e visual uruguaia no século XIX, Torres argumenta sobre como, nas representações, o sofrimento feminino está sempre relacionado a perda de um homem que lhe foi querido (2013, p.53). A partir desta análise da historiadora uruguaia podemos refletir sobre o trecho acima. De acordo com o periódico, a participação de Maria Padilla no exército paraguaio está associada com sua "desonra" e decepção amorosa. Sua ação no front não é fruto de seu patriotismo, mas de sua frustração. Há, assim, uma tentativa de vincular esta mulher desonrada à nação paraguaia, e desvalorizar sua participação e o próprio Paraguai.

Outro periódico que nos indicou a participação de mulheres paraguaias no front foi *O Publicador*, periódico presente na província da Paraíba. O primeiro trecho que trazemos nos indica, novamente, batalhões femininos e a presença de Lynch como uma grande liderança:

“Consta que Lopez organiza batalhões de mulheres, e que já tem alguns bem disciplinados, e que fazem fogo com bastante destreza.

Dizem que Madame Lynch é brigadeira, e que há coronelas, tenentas coronelas, capitãs, etc e etc.

Se vier esta fama, será para ver-se um dia de combate a algazarra, que as amazonas devem fazer.

Quando a mim hão de ser terríveis nos ataques a unhas e dentes.

Se o governo lembra-se de criar também batalhões de mulheres para baterem as paraguaias, então creio, que viriam os amigos das brigas dos galos de duas Bretanhas para assistirem ao combate.” (O PUBLICADOR, “Correspondência do Publicador”, Paraíba, 16 jun.1868, p.2.)

As “residentas”, como apontado anteriormente, não eram somente aquelas que pegavam em armas. Também eram mulheres que conectavam suas funções do período anterior ao conflito, com as necessidades que surgiam, atuando como cozinheiras, lavadeiras e também nos transportes. O apoio popular, descrito como fanático nos periódicos brasileiros, como argumenta Potthast era muito importante e fora estimulado pelo governo lopista (2001, p.83). Um dos exemplos envolvendo o apoio feminino está nas doações de jóias para o governo, no início espontâneas, e posteriormente, resultado de reuniões de autoridades locais. Não nos dedicamos aos periódicos paraguaios contemporâneos ao conflito, mas estes também eram utilizados para propaganda destinando-se em especial às mulheres das classes populares, como também nos apresentou Potthast (2006, p.96). Vejamos um trecho do periódico brasileiro *Pedro II*, presente na província do Ceará, que nos traz algumas reflexões:

“Patriotismo das mulheres paraguaias

Um dos correspondentes da *Nacion Argentina* no acampamento Tuyu-Cué, escreve o seguinte:

(...) Havendo notícias de que em consequência de haver espalhado pelo campo a ideia as mulheres oferecerem jóias ao supremo governo para os gastos da guerra, começou-se a vender clandestinamente algumas jóias, dando-se assim uma prova escandalosa da má vontade de algum dos interesses particulares, e sabendo-se também que da capital mesmo se tem mandado fora jóias, afim de serem vendidas ocultamente. ”(PEDRO II, “Patriotismo das mulheres paraguaias”, Ceará, 8 dez. 1867, p.2)

Este trecho nos possibilita uma análise em quatro pontos. O primeiro aspecto envolve o modo como o trecho ironiza o patriotismo das paraguaias, indicando que estão burlando ordens do governo, mas, também nos aponta que as doações existiam, sendo propagandeadas e divulgadas. Em um segundo momento, o correspondente também nos aponta para tentativas de observação e controle por parte do governo de López. O terceiro aspecto é que de, mesmo com a vigilância, existiam tentativas para ganho particular. Ou seja, estratégias que não estavam envoltas dos tentáculos do Estado paraguaio, ou da própria guerra, mas os sujeitos buscavam criar suas próprias formas de ganho. Por último, temos a circulação de ideias por meio dos periódicos. Não somente neste trecho, mas em variados outros, podemos notar como correspondências ou referências históricas de outros países fazem parte da composição das ideias nos periódicos.

Como nos indicou Potthast (2001, p.77), a memória paraguaia sobre a guerra destacou as “residentas”, optando pelo esquecimento quando falamos sobre as “destinadas”. Sobre este último

grupo, notamos uma *ferida aberta* na memória nacional do Paraguai, pois se trata de mulheres tidas como inimigas da nação, traidoras do governo de Solano López que é tido como herói nacional. Em nossa pesquisa encontramos edições de periódicos em que, muito provavelmente, tem como foco as “destinadas”. Trazemos um trecho do periódico *O Publicador*, da província da Paraíba, que nos aponta mulheres que foram degoladas porque foram consideradas como traidoras pelo governo paraguaio:

“As próprias mulheres não têm sido poupadas ao furor do extermínio, de que se acha o dominado o ditador López.

Dois prisioneiros feitos pela nossa vanguarda indicam o lugar em que ainda se podem encontrar os cadáveres de mulheres de todas as idades, mandadas degolar por meras suspeitas.

Uma coisa chamou minha atenção e foi que em roda dos cadáveres encontrei pedaços de cambraia fina. Apanhei alguns pedaços ensanguentados para ver se encontrava alguma marca, porém felizmente não encontrei; deduza da qualidade das roupas que, se eram de paraguaias, pertenciam a pessoas muito notáveis; tenha-se bem presente isto, porque paraguaios com camisas daquela ordem não há.” (O PUBLICADOR, “Paraguay”, Paraíba, 14 out. 1868, p.2.)

Neste trecho há elementos que são importantes para nossa análise. Primeiramente, nos é indicado assassinatos de mulheres, de variadas idades, movidos pela desconfiança por parte do governo paraguaio. Outro ponto está na descrição dada às vestimentas destas mulheres. Trata-se de roupas de qualidade notável sendo, muito provavelmente, poses de mulheres da elite paraguaia. Este trecho relaciona-se com o debate historiográfico sobre as “destinadas”, nos indicando membros da elite acusados de serem traidores, bem como as paraguaias sendo punidas por se relacionarem com os homens que participaram da suposta conspiração. Como Potthast (2006, p.97) analisou o grupo das “destinadas” era formado por mulheres que estavam desacostumadas ao trabalho braçal ou as longas caminhadas que tiveram de realizar.

Somos apresentados novamente as “destinadas” em outro periódico, *O Despertador*, da província de Santa Catarina. No trecho nos indica o assassinato, por decapitação, de mulheres paraguaias. O periódico também nos apresenta a um dos acampamentos formados pelas “destinadas”, crianças e idosos, localizado em Espadín. Sobre as mulheres encontradas com vida há uma descrição de estado de miséria, marcadas pela fome e falta de forças:

“Gurugualy, 28 de dezembro de 1869, (de noite).

O bravo tenente coronel Moura acaba de chegar, tendo, com 30 homens, chegando a serra de Marayú, e passado, além disso, seis léguas adiante até atravessar o rio de Igatemy no passo de Espadín.

Aqui encontrou cerca de mil mulheres em tal estado de miséria, que apenas 400 tiveram forças para levantar-se e acompanhar-nos, entre as quais algumas brasileiras e europeias, as outras ficaram ali completamente desfalecidas, esqueletos vivos, que quase não respiravam.

O tenente-coronel encontrou montões de mulheres degoladas e laceadas pelos espíões de Lopez." (O DESPERTADOR, "Notícias da guerra", Santa Catarina, 25 jan. 1870, p.3.)

Nestas últimas linhas, retomemos a pintura de Pedro Américo. Sobre a Batalha do Campo Grande, episódio escolhido por Américo, encontramos algumas edições de periódicos que contribuem para nossa discussão. A primeira que destacamos é do periódico *Dezenove de Dezembro*, que também foi noticiado no periódico *O Cearense*:

"Hoje vi entrar nesta cidade uns 300 prisioneiros dos tomados nos combates de 12 e 16. Fiquei horrorizado do aspecto que apresentavam esses *defensores* de López. Dois terços dessa gente compunham-se de pobres crianças menores de 14 anos, quase nus, magros e tão fracos que com dificuldades caminhavam. Alguns desses desgraçados vinham feridos de bala." (DEZENOVE DE DEZEMBRO, "Exterior", Paraná, 29 set. 1869, p.2.) [Grifo do periódico]

O trecho acima envolve a batalha do dia 16, indicando o horror do correspondente ao visualizar os prisioneiros paraguaios. Em seu depoimento, o correspondente nos apresenta aos membros do exército dos vencidos sendo dois terços destes, de acordo com o trecho, crianças. Para além de serem crianças, estavam em estado de miséria.

"Logo que pararem em frente ao quartel general grande número de miseráveis mulheres paraguaias, que aqui se acham rodearam esse grupo de horror indescritível, procurando reconhecer no meio dele um filho ou parente próximo. Desculpo aos que não acreditam neste quadro, pois eu também se não visse custaria a crer que fosse verdadeiro. As estradas que cortam a serra estão, segundo asseguram pessoas do maior crédito, entre elas o general visconde do Herval, *juncadas de cadáveres de mulheres, crianças e velhos mortos à fome!*" (DEZENOVE DE DEZEMBRO, "Exterior", Paraná, 29 set. 1869, p.2.) [Grifo nosso]

Continuando seu relato, o correspondente destaca novamente o horror do cenário pós-batalha. Vale ressaltar que o correspondente não indica uma atrocidade por parte dos brasileiros de cometerem o assassinato de crianças, mas de López por permitir o recrutamento destes membros. O trecho também nos apresenta a um grande número de mulheres em torno do quartel, muito provavelmente mães ou parentes dos combatentes paraguaios, buscando reencontrá-los. Desta maneira, em oposição ao que podemos visualizar na pintura de Américo, a imprensa comenta sobre as mulheres e crianças paraguaias presentes na Batalha de Campo Grande. Assim como os periódicos e jornais eram valiosas armas na construção da identidade nacional, as pinturas também

representavam importantes formas de formular a memória e escrever a história nacional. Na obra de Pedro Américo, os sujeitos indesejáveis para a história nacional, as mulheres e crianças paraguaias, não fizeram parte de sua narrativa visual.

Considerações finais

Em nossa discussão, buscamos apresentar algumas edições de periódicos brasileiros que noticiaram, comentaram e opinaram sobre a participação feminina paraguaia. Indicamos os periódicos com a finalidade de apresentar outra narrativa, oposta aos silenciamentos de Pedro Américo em seu quadro *Batalha de Campo Grande* (1871). Afirmar se a escolha do pintor foi consciente ou não, não fez parte de nossos objetivos. Para além de indicar a ausência na pintura, nossa intenção fora de procurar e analisar outras fontes brasileiras que nos apresentassem versões sobre as paraguaias. Buscamos a partir do não dito, o dito.

Como pensado por outros historiadores, para questionar a pintura, necessitamos nutrir nosso olhar da cultura, dos debates e referências do produtor da obra. Pedro Américo, em busca de verossimilhança para sua pintura, teve como parte de seu campo referencial, a imprensa brasileira. A partir dos periódicos foi possível compreender a discussão pública nacional em torno das paraguaias e suas ações. A imprensa no século XIX era um campo de disputas, bem como de construção da identidade nacional. Como buscamos apresentar, as paraguaias e sua nação foram tidas pelos periódicos, em oposição às construções feitas sobre o Brasil, como despreparadas para o combate e vítimas do fanatismo pelo governo de Solano López.

As representações utilizadas nos trechos selecionados nos indicam uma tentativa de desqualificar a defesa de López, e uma forma do Brasil se distanciar da imagem pública de monarquia movida pela escravidão. Como buscamos indicar, há momentos em que a imprensa brasileira optou por representar as paraguaias enquanto vítimas de um governo tirano, em outros, as indicam como nacionalistas cegas de amor pelo país paraguaio. De modo similar, a historiografia brasileira durante muito tempo insistiu nestes dois pontos ao analisarem a participação feminina. Em nossa discussão não partimos da dualidade entre heróis e vilões, agressores e vítimas. As paraguaias atuaram enquanto sujeitos históricos, marcados pela incerteza do futuro da guerra e pela necessidade de sobrevivência.

Outro importante aspecto está na circulação de ideias dentro do Império e entre os países envolvidos no conflito. Dentre as edições analisadas, é possível ter acesso a correspondências, cartas e informações presentes em diferentes localidades. Nossa escolha por apresentar periódicos das províncias teve como finalidade indicar como as mulheres paraguaias ocuparam parte do debate público brasileiro. Para além de apresentarem opiniões e representações em torno das paraguaias, a imprensa nos possibilitou reconhecer as atividades realizadas pelas mulheres dentro e fora do campo de batalha. Os periódicos nos indicaram algumas das condições nas quais as mulheres viviam, e suas estratégias para sobreviver no contexto da guerra.

Referências bibliográficas:

- ALEKSIÉVITCH, Svetlana. **A guerra não tem rosto de mulher**. São Paulo: Companhia das Letras, 2016.
- ANDERSON, Benedict R. O'G. **Comunidades imaginadas: Reflexiones sobre el origen y la difusión del nacionalismo**. México: Fondo de Cultura Económica, 1993. 315 p.
- BALABAN, Marcelo. **Poeta do Lápis: A trajetória de Angelo Agostini no Brasil Imperial (1864-1888)**. Campinas: Editora Unicamp, 2009. 469 p.
- BARATTA, María Victoria. "¿Aliados o enemigos? Las representaciones de Brasil en el debate público argentino durante la Guerra del Paraguay, 1864-1870.". **Revista de História USP**, São Paulo, n.127, jan-jun, 2015, p.43-75.
- BAXANDALL, Michael. **O olhar renascente, pintura e experiência social na Itália da Renascença**. Rio de Janeiro: Paz e terra, 1991.
- BEAUVOIR, Simone de. **O segundo sexo: fatos e mitos**. São Paulo: Difusão europeia do livro, 1970
- BHABHA, Homi K. "Interrogando a identidade" In: **O local da cultura**. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 1998. p.70-104.
- COLL, Jorge. **Como estudar a arte brasileira do século XIX?**. São Paulo: Ed. SENAC, 2005.
- CHRISTO, Maraliz de C. V., "A pintura de história no Brasil do século XIX: panorama introdutório", **Arbor**, vol. 185, n. 740, 2009, p.1147-1168.
- _____. **Pintura, história e heróis no século XIX: Pedro Américo e "Tiradentes Esquartejado"**. 2005. 365p. Tese (doutorado) - Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Campinas, SP.
- CUNHA, Maria Clementina Pereira. "De historiadoras. Brasileiras e Escandinávias. Loucura, folias e relações de gêneros no Brasil (século XIX e início do XX)", **Tempo**, Rio de Janeiro, Vol. 3, n°5, 1998, pp.181- 215.
- DE LUCA, Tânia Regina de. "História dos, nos e por meio dos periódicos". In: PINSK, Carla Bassanezi (org.). **Fontes Históricas**. São Paulo: Contexto, 2005, pp. 111-153.

DORATIOTO, Francisco. **Maldita guerra: nova história da Guerra do Paraguai**. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

GARCIA, Gabriel Ignacio. "A construção da alteridade brasileiras nas imagens e discursos do jornal El Centinella (1867)". **Revista Outras Fronteiras**, Cuiabá-MT, vol. 5, n. 2, jul./dez., 2018, p.111-132.

POTTHAST, Barbara. Algo más que heroínas. Varias roles y memorias femeninas de la Guerra de la triple alianza. **Diálogos** - Revista do Departamento de História e do Programa de Pós-Graduação em História, vol. 10, núm. 1, 2006, p. 89-104.

_____ Residentas, destinadas y otras heroínas – El nacionalismo paraguayo y el rol de las mujeres em la Guerra de la Triple Alianza. IN: **Mujeres y naciones en América Latina. Problemas de inclusión y exclusión, Iberoamericana**, 2001.

RAGO, Margareth. A Mulher na Historiografia Brasileira. In: SILVA, Zélia L. (org.) - **Cultura Histórica em Debate** - SPed. UNESP, 1994.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. **A Batalha do Avaí. A beleza da barbárie: a Guerra do Paraguai pintada por Pedro Américo**. Rio de Janeiro: GMT Editores, 2013.

TORRES, María Inés de. **Lá nación tiene cara de mujer?: Mujeres y nación en el imaginaria letrado del Uruguay del siglo XIX**. -1ª ed – Bernal: Universidade Nacional de Quilmes, 2013.

ZICMAN, Renée B. Historia através da imprensa: algumas considerações metodológicas. **Projeto História**, São Paulo, v.4, p.89-102, 1985.